

George Monteiro. *The Presence of Pessoa. English, American, and Southern African Literary Responses*. Lexington: The University Press of Kentucky, 1998.

Silva Carvalho

*The Presence of Pessoa*, um dos últimos livros publicados por George Monteiro, é constituído por um breve prefácio, nove capítulos, e um apêndice onde se reproduz pela primeira vez o que Roy Campbell deixou do seu *Fernando Pessoa*.

No prefácio o autor explica o que pretende fazer com este livro (essencialmente mostrar, como sugere o seu título, as marcas de Pessoa em autores de língua inglesa, sobretudo americanos, ingleses e sul-africanos).

Dos nove capítulos, o primeiro é genérico e panorâmico, englobando uma brevíssima biografia de Pessoa e depois um historial da fortuna crítica do poeta português nos países de língua inglesa, com os seus sucessos e os seus falhanços, assim como as motivações que levaram os poetas a lê-lo ou a traduzi-lo muito antes dos críticos e dos *scholars*, sumariando desta hábil maneira os assuntos que vão ser tratados nos capítulos seguintes.

Imediatamente o leitor se dará conta de um traço fundamental desta obra, bem visível no final do capítulo, quando George Monteiro arrisca como hipótese de origem da última frase escrita de Pessoa (“I know not what tomorrow will bring”) as escrituras sagradas: a sua vasta informação, fruto de uma investigação inteligente, paciente e cuidada. Mas uma informação que é servida por uma finura de observação onde inesperadas conexões são estabelecidas, dando do problema tratado, em pequenos apontamentos, uma leitura por vezes ligeiramente diferente daquela a que se está habituado. E como se nada fosse, isto é, muito casualmente. Aliás, será este aspecto o que me parece mais discutível nestes capítulos a todos os títulos notáveis, e ver-se-á mais tarde porquê, pois se se adquire uma certa ilusão de objectividade quando simplesmente “se mostra” o que teve lugar ou aconteceu, às vezes vale a pena também “dizer-se” alguma coisa, pela afirmativa ou pela negativa, do que justamente se está a considerar. Ou quererá George Monteiro deixar esse trabalho aos seus leitores, como se o seu propósito fosse apenas de dar conta de factos literários mais ou menos históricos, sem neles introduzir opiniões ou pareceres? A verdade, porém, é que pelas suas observações Monteiro toma, as mais das vezes, implicitamente ou explicitamente, partido (veja-se o caso

de João Gaspar Simões em relação à biografia de Pessoa, ou todo o capítulo dedicado a Allen Ginsberg). O problema consiste em saber se o comum dos leitores (para não dizer dos mortais) saberá ou poderá ler o que se sugere sem ser devidamente sublinhado.

Mas é melhor dar-se um exemplo, para que se perceba o que está em questão neste reparo. Quando se fala da segunda oportunidade de promover Pessoa em Inglaterra, tentativa frustrada de Sena junto de Edith Sitwell, o que mais ressalta ao olhar, ao ponto de se ficar estarecido, não é a generosa tentativa de Sena tentando dar a conhecer ao estrangeiro o poeta que ele pensa ser o mais importante de Portugal no século vinte antes do seu advento (de Sena, é claro), mas o tratamento que Sena oferece ou dedica a Edith Sitwell. Aquele *her genius* para uma poetisa inglesa de segunda ou terceira categoria (e tenhamos a coragem histórica de um Harold Bloom, mesmo a de sermos parciais—e injustos—neste preciso momento, mas isso é que é a crítica, como disse há já tanto tempo Baudelaire) e o facto de a citar como autoridade para ajuizar do valor dos sonetos ingleses de Pessoa, deixa muito a desejar, introduzindo uma nota dissonante na capacidade valorativa e estética que Sena mostrou nessa altura. Ou, pelo menos, levanta um outro problema. Um leitor de uma língua estrangeira, mesmo se reputado escritor na sua, será capaz de possuir uma percepção estética idêntica à que mostra na sua língua e cultura? Ora nada disto merece um comentário, expondo-se apenas o *matter-of-factness* da situação.

Considere-se, já agora, um outro exemplo. Trata-se da segunda edição do *Oxford Book of Portuguese Verse*, de 1952, a cargo de B. Vidigal. George Monteiro tem a perspicácia de escolher duas citações, do que será uma introdução ou prefácio de Vidigal à antologia, que me parecem fundamentais. A primeira por mostrar que Pessoa foi, além de um grande poeta, um grande crítico, estabelecendo melhor do que ninguém o cânone poético do século dezanove numa data em que a inclusão de certos autores não era de todo evidente como nos parece agora, e falo sobretudo de Cesário Verde. Mas a segunda citação, ao dizer “Pessoa paved the way for the generation of poets now writing, and it is through him that their creed is finding a warmer response among the public,” é problemática. Porque se é verdade que Pessoa, nas suas três ou quatro variantes, fixou o idioma poético português deste século, quer se queira quer não reconhecer o facto, a verdade é que toda a poesia portuguesa deste século, com raras excepções, foi escrita de costas viradas para a experiência pessoana. E a possível resposta calorosa do público,

quando se pensa em poetas como José Régio ou Miguel Torga, possivelmente vivendo então o auge da popularidade, não advém da presença de Pessoa nesses poetas, mas sim da sua ansiosa ou inconsciente omissão, para não dizer dos ecos ainda vigentes de uma poesia finissecular. Aliás, poder-se-ia mesmo discutir se houve na altura, como se há hoje em dia, em Portugal, um público para a obra de Pessoa. Como diz, e muito bem, George Monteiro, Pessoa é “a poet’s poet.” Restará saber—e o livro de Monteiro neste aspecto, pelos problemas que levanta, é importantíssimo para futuros estudos—se, em língua inglesa, não é ou foi apenas “a mediocre poet’s poet.”

Mas passemos aos outros capítulos. O segundo, *Old School Loyalties*, refere-se à importância que Pessoa teve para Roy Campbell. Este, considerado no começo da sua carreira como um dos melhores poetas da sua geração (pressupõe-se que ingleses e não sul-africanos), morre em 1957 em pleno declínio da sua reputação literária. George Monteiro dá-nos o retrato possível deste homem, e o resultado não é muito agradável, apesar de George Monteiro fazer tudo para ser justo e ver as coisas sempre pelo seu lado estético.

Reaccionário, fascista, sente-se em casa num Portugal salazarista. Escreve mesmo um livro chamado *Portugal*. Diz ter estudado na mesma escola que Pessoa, em Durban, só que alguns anos mais tarde. E deixa-nos este apontamento saborosíssimo: ter visto o nome de Fernando Pessoa entalhado numa carteira. Para quem vai pôr em questão a identidade como era concebida no ocidente, não se pode dizer que Pessoa não soubesse que era Pessoa. Se a anedota for verdadeira, é claro.

Os seus grandes poetas portugueses são Camões e Pessoa, mas os motivos para os distinguir parecem-me altamente duvidosos: razões nacionalistas: um por causa do Canto V de *Os Lusíadas* e da sua importância para a cultura sul-africana, como começo simbólico de uma identidade, e o outro porque foi durante algum tempo sul-africano, além de ser também um poeta do mar, como lhe parecia evidente na leitura que fez da *Mensagem*. De qualquer maneira George Monteiro frisa mais de uma vez que, embora a visão que Campbell teve de Pessoa devesse em muito aos trabalhos pioneiros de Gaspar Simões e de Casais Monteiro, isso não impedia que o autor sul-africano não tivesse uma visão muito sua e, por isso, original, de certos aspectos da obra de Pessoa.

O terceiro capítulo, introduzindo mais dois poetas que se sentiram atraídos pela fascinação Pessoa, Edouard Roditi e Thomas Merton, ambos americanos, é dos mais interessantes para o leitor de hoje, quando avança com o conceito

de antipoesia, que se deve a Merton. Não porque esse conceito fique bem explicitado, pois só um *strong reading*, para não se falar de um deliberado *misreading*, de Alberto Caeiro, nos poderá fazer dele um *budista zen*, mas porque o conceito de antipoeta ou de antipoesia tinha já aparecido na cultura portuguesa pela pena de Gaspar Simões a propósito justamente de Casais Monteiro, embora por motivos completamente diferentes, isto é, neste caso, por uma recusa do idioma poético então vigente. Se George Monteiro nos esclarece, com a ajuda de Sena e de Hamburger, sobre a impossibilidade de se poder ler alguns traços da poesia de Caeiro como reveladores de uma verdadeira atitude mística, ligando-o intempestivamente a San Juan de la Cruz, como o faz Merton, fica sempre por esclarecer um facto que é do domínio público: Pessoa serve-se de Alberto Caeiro não para criticar a poesia, ou toda a poesia que foi escrita desde os seus primórdios até à sua época, mas sim os poetas idealistas românticos, como o era o seu contemporâneo (e todo um problema se vislumbra, a saber, o que poderá significar em literatura a contemporaneidade) Teixeira de Pascoaes, poeta retardado de cem anos em relação aos poetas românticos ingleses ou alemães, autêntico anacronismo que só culturas débeis ou frágeis como a portuguesa permitem, para não dizer que acariciam ou apreciam.

Interessante notar como a análise que George Monteiro faz da poesia de Merton o leva, e sem dúvida acertadamente, a dizer que, se Caeiro começa por ser o Pessoa que mais interessou Merton aquando do conhecimento que fez do poeta português, Álvaro de Campos assumirá um papel relevante para o fim da sua vida. Mostrando assim, talvez como já o fizera Jacinto do Prado Coelho, que motivos, problemas e temas passavam de heterónimo para heterónimo denunciando compreensivelmente uma raiz ou um fundo comum: o homem em disposição artística e literária chamado Fernando Pessoa.

Não convém esquecer, contudo e também, o papel de Edouard Roditi na apresentação que este faz de Pessoa aos leitores americanos, historicamente falando a primeira. O ensaio crítico chamava-se "The Several Names of Fernando Pessoa," e apareceu na revista modernista *Poetry* em Outubro de 1955. Ele próprio um poeta, verá neste livro de George Monteiro a análise de um dos seus poemas, "Autopsychoanalysis," em princípio um parente próximo do "Autopsicografia" de Pessoa. Mas mais uma vez a acuidade analítica do comentar se revela ao estabelecer as diferenças entre os dois poemas, aduzindo outros poemas do poeta português que ecoam no de Roditi,

e, sobretudo, ligando o poema analisado com o de Jorge de Sena, “Em Creta, com o Minotauro.” O que não deixa de ser interessante, pois é como se a língua inglesa estivesse ela própria a constituir o cânone poético para este século vinte português, ao escolher estes dois nomes de uma profusão inalcançável de nomes: Pessoa e Sena, um modernista e o outro pós-modernista. Este fenómeno é digno de ser pensado dentro e fora de Portugal, mas até mais dentro do que fora, pelas razões que me parecem óbvias, sobretudo quando se julga (já que utilizar o verbo “pensar,” nesta ocasião, seria um desdouro para o pensamento), como alguns julgam, que Portugal é um país de poetas, esquecendo-se sempre de dizer que “de poetas medíocres,” insusceptíveis de atraírem as atenções das culturas estrangeiras.

O capítulo quarto é dedicado ao poeta e tradutor Edwin Honig. Mas, sobretudo, de maneira enviesada, já que se trata de “dominoes” e de máscaras, ao problema da identidade. É, talvez, de todos os capítulos, o que mais suscita a reflexão de um estudioso de Pessoa e das suas afluências, pátrias ou estrangeiras. George Monteiro testemunha da importância do trabalho de Honig como tradutor de Pessoa, e realmente tem sido ou foi uma tarefa assinalável e mesmo assinalada por outros poetas americanos, como, por exemplo, Karl Shapiro, que escreve um poema intitulado “On First Looking into Honig’s Pessoa.” O poema contém este verso assombroso: “Writing in Portuguese and broken English sonnets.” Como não se ficar espantado? Então o inglês (a língua, é claro) do Pessoa inglês (ou, pelo menos, sul-africano), dito por tanta gente até agora como excessivamente literário, livresco, mais shakespeariano do que Shakespeare nos seus sonetos, soa a Shapiro, se alguma vez o leu, como “broken English”? Que dizer deste facto? Apenas de que a recepção do mesmo poeta, em várias línguas ou culturas várias recebe tratamentos e juízos diversos, muitas vezes antagónicos. Mas não deixa de ser curioso que um inglês macaqueando o de Shakespeare, com todas as virtualidades de raciocínio de Pessoa, possa parecer deficiente a um poeta americano contemporâneo.

Contudo, a confessada influência do poeta português em Honig, sobretudo no seu livro *Four Springs*, depois deste ter escrito “I saw the possibilities of using a variety of voices to carry to completion a long work of my own,” cria uma certa perplexidade no autor de *The Presence of Pessoa*, ao ponto de o fazer dizer: “But specific evidence of how *Four Springs* was influenced by Pessoa’s poetry is a rather elusive matter, Honig’s own assertion being the strongest evidence there is.” Talvez, e desconhecendo-se de todo o

livro de Honig, porque George Monteiro estaria à espera de “frases, imagens e conceitos” pessoais que lá não aparecem, mas que surgirão justamente em alguns dos subsequentes poemas, ulteriores e mais recentes, do mesmo poeta e tradutor americano, analisados mais adiante. O problema que se coloca aqui, não só de Honig, mas também de todos os admiradores de língua inglesa de Pessoa contemporâneos, é muito simples e poderá ser formulado com algumas perguntas: Até que ponto a experiência heteronímica de Pessoa não estará mais que esgotada na segunda metade do século vinte? Como não ver as máscaras pessoais, contemporâneas das máscaras de um Yeats, antes como culminação de um problema da identidade do e no século dezanove europeu, como tão bem viu Jorge de Sena (escalonando os seus autores e cultores ao longo desse século) e outros investigadores? Logo, essencialmente e terminalmente modernista, mas sem possível significado nem significação na segunda metade deste século. Porque o “eu,” se se puder ainda falar nestes termos, voltou novamente, numa espécie de eterno retorno do mesmo, a ser teorizado, isto é, contemplado, como no tempo de Descartes? Claro que não. Mas veja-se neste mesmo capítulo a solução da leitura que Paz faz de Pessoa, e que George Monteiro aceita como válida ao distinguir dicotomicamente um putativo “true self” dos seus heterónimos, como se toda a experiência pessoal fosse um jogo ou uma brincadeira literária (uma mascarada) e não a assunção crítica e sofrida da modernidade do sujeito. Parece-me pois necessário, hoje, distinguir dois tipos de heteronímia. Uma heteronímia horizontal, como já lhe chamei num pequeno ensaio dedicado à situação de Sena na poesia portuguesa deste século, mas em que se discutia, sobretudo, a sua posição em relação ao *problema* Pessoa, e que era, sem dúvida, a de Pessoa e foi a do modernismo, e uma heteronímia vertical, que Sena apenas intui sem a explorar.

Será pois por acaso que Edwin Honig, no panorama das letras americanas, e no da poesia, em particular, apenas merece o lugar de uma menoridade, assinalável mais como tradutor de Pessoa do que como poeta? A poesia americana, na segunda metade deste século, e como diz uma das suas melhores críticas, já que se trata da mulher e professora Marjorie Perloff, “is elsewhere,” não nos livros de Honig. É que a aprendizagem ou influência de um grande poeta (sem dúvida como é o caso de Pessoa) não pode consistir na assimilação dos seus temas ou ideias ou formas, que são irremediavelmente passados, mas antes na maneira como ele muda o paradigma estabelecido ou estabelece uma nova e mais recente mutação. Caberia agora fazer-se a pergunta, um pouco

indiscreta: E isso aprende-se? (mas será um problema a discutir numa outra oportunidade).

O capítulo cinco, ao tratar do parentesco entre *O Banqueiro Anarquista* e a novela de Lawrence Ferlinghetti, *Love in the Days of Rage*, é não só bem-vindo como oportuno, pois raramente se vê referências críticas ao texto de Pessoa, lido como uma pirotecnia de raciocínio e não como evidência de um pensamento político. Como se fosse para esquecer, e falo da crítica portuguesa em geral. O facto de vir mencionado e citado o ensaio introdutório de uma mais recente edição de *O Banqueiro Anarquista*, publicada em Lisboa por um K., e intitulado “Fernando Pessoa, O Mito e a Realidade,” diz da investigação levada a cabo pelo autor de *A Presença de Pessoa*. Pena é que neste caso as citações sejam escassas. E a discussão desse ensaio preliminar diminuta. Por ser subversivo? Por ser negativo, como se poderá depreender das citações? Por não conter nada que pudesse interessar o leitor americano no que toca a uma perspectiva de Pessoa?

De qualquer modo, a maior parte deste capítulo-ensaio pretende dar a conhecer até que ponto Ferlinghetti foi sensível à problemática que Pessoa introduz nesse seu texto tão desmerecidamente desconhecido. Isso vê-se pelo estudo minucioso que George Monteiro empreende da novela do escritor americano, mostrando em que pontos os dois autores se aproximam ou diferem. Chega-se à conclusão de que as ideias expostas no *Banqueiro* são convergentes com muitas das ideias que Ferlinghetti se faz de um possível anarquismo convivendo com a sociedade capitalista que agora vigora. A forma de exposição dessas ideias é que diverge. Pessoa escolhe um monólogo argumentativo e o poeta americano um enredo ocorrido em Maio de 68, em Paris, França.

O sexto capítulo, onde se exploram as queixas de Allen Ginsberg no que respeita a quem está mais próximo de Whitman, se ele ou se Pessoa, minúsculo como é, pelo que evidencia de como a poesia é ou foi vivida nos Estados Unidos neste século, é uma pequena lição pedagógica sobre a famosa “anxiety of influence” detectada e inventada por Harold Bloom. Se é patética a atitude quase decadente e injusta de Ginsberg em relação ao morto Pessoa, e George Monteiro no-lo mostra à saciedade, não é menos verdade que Ginsberg sabe muito bem do que está a falar e, por conseguinte, do que está em causa no mundo em que vive. A precedência, no estabelecimento de um cânone, é, desde os românticos, isto é, desde há dois séculos, fundamental, e o poeta americano, ao contrário dos poetas portugueses deste século, sabe-o

como mais ninguém. Ter havido, numa outra língua que fosse, mesmo se e quando esta língua é desconhecida dos grandes centros de poder intelectual e literário, logo, sem importância, alguém que “descobriu” primeiro que Ginsberg o seu Whitman, é coisa que não se perdoa. É como se toda a vida poética de Ginsberg tivesse sido posta em risco. Daí a reacção intempestiva e mesquinha, mas quando se trata da sobrevivência, mesmo se só literária, as leis da civilidade são esquecidas para emergir apenas o lancinante grito de desespero ou de revolta. Aquela de se apresentar, logo no começo do século, uma encarnação de Whitman na figura de Álvaro de Campos, é muito forte e tem o seu peso. Ginsberg, ao descobrir que não tinha sido o primeiro a reconhecer uma origem ou uma anterioridade, reagiu mal. Não deixa por isso de ser o grande poeta americano da sua geração ou do seu grupo como muitos dos mais conceituados críticos do seu país o consideram ainda hoje. E veja-se como acaba este capítulo (em que George Monteiro, indisfarçadamente, toma o partido do poeta português, não lhe bastando agora “mostrar” para “dizer” abertamente o que pensa de Ginsberg pela comparação que faz entre os seus poemas dedicados ao mestre do século dezanove e a “Saudação a Walt Whitman” de Campos): “Ginsberg continued to admire Whitman, we know, and he continued to assign Pessoa to his students.” Se assim foi, Ginsberg não poderia ter deixado, de uma maneira ou de outra, de admirar também Pessoa (embora o verbo “admirar” não seja aqui o mais consentâneo com o que certamente lhe iria na alma).

Curioso e enigmático é o capítulo seguinte, dedicado a Joyce Carol Oates. Nele George Monteiro, num afã quase detectivesco, tenta deslindar o mistério de uma possível mistificação, a da consagrada autora americana, ou do fenómeno mediúnico, se é assim que se diz ou se pode dizer, de um Pessoa do outro mundo enviando emanções fantasmagóricas a uma sensibilidade ímpar. Está em questão o livro de histórias *The Poisoned Kiss and Other Stories from the Portuguese*. Lido o capítulo, infere-se que Joyce Carol Oates conhece ou conheceu o trabalho de Campbell, e que por conseguinte deveria também ter tomado conhecimento das traduções que este fez de Pessoa.

O capítulo oitavo é essencialmente uma leitura das afinidades, não só poéticas mas também idiossincráticas, entre o poeta sul-africano Charles Eglington e Pessoa. É um prazer seguir o comentador na amostragem que faz, com um detalhe quase de verdadeiro *close reading*, como Eglington trabalha os poemas da *Mensagem* de Pessoa para realizar e obter “Homage to Fernando Pessoa,” um poema constituído por uma série de vários poemas, da primeira

secção do seu livro *Under the Horizon*, intitulada “Compass.” Como não poderia deixar de ser, todas as vicissitudes historizantes dessa “Homage” são relatadas proficuamente, como é apanágio do autor no seu normal tratamento das questões literárias que aborda. A salientar o que nos parece ser a *perdição poética* de Eglington, para lá da real que foi o seu suicídio: a sua concepção da poesia, na segunda metade do século XX, ainda como um jogo de um certo “número de frases, imagens e conceitos.” Ainda por cima, não da sua lavra, mas derivados de um poeta que se admira. Mas este problema já foi referido.

Finalmente, no último capítulo, surgem os mais recentes nomes de gente escrevendo em inglês e que foi sensível ao *charme* pessoano. São eles Michael Hamburger, John Wain, Andrew Harvey e Dennis Silk.

Convém, antes de mais, assinalar aqui uma das duas imprecisões que surgem neste livro. Álvaro de Campos nunca foi um “Edinburgh-trained naval engineer,” pois foi em Glasgow que fez os seus estudos, e, já agora, no primeiro capítulo fala-se de Bocage como poeta português do século XIX, quando só viveu cinco anos nesse século, a sua vida decorrendo muito pré-romanticamente no século XVIII.

Quanto aos quatro autores tratados, a informação que se obtém sobre o poeta inglês John Wain é reconfortante, não porque se diga bem ou mal do seu poema “Thinking About Mr. Person” enquanto poema, mas porque se é informado de que este autor se rebela, num outro escrito, contra o muito admirado em França do século XIX, via Baudelaire, Edgar Allan Poe, introdutor infeliz do conceito de *short poem* que veio a fazer a felicidade do simbolismo francês e outros, não impedindo, no entanto, que o modernismo se consagrasse seriamente ao *long poem* em regiões menos dominadas culturalmente pelo preconceito francês, como o americano, mesmo se em termos diferentes dos pressupostos por Poe. Mas mais não se diz sobre este assunto. Restaria saber se o *long poem*, como foi descrito o poema em questão, que interessa visivelmente a Wain, pois é forma que o seduz e que ele reproduz noutros seus poemas como *Wildtrack*, *Letters to Five Artists* e *Feng*, é espacial ou temporal. Isto é, se é apenas “a suite of interrelated poems” dando conta de diferentes visões estético-ideológicas do mundo, ou antes uma “suite of times or moments” escritas e vividas pela mesma pessoa, sem que o “ego” apareça como uma configuração de multiplicidade de “eus” e de corpos coabitáveis num guinhol imaginário (o Circo Pessoa, como muitas vezes lhe chamo, derrotado por ver que só o fenómeno do espectáculo atrai as multidões, e não o que significa uma vida, os seus actos e os seus gestos), mas

antes como uma sucessão de estados ontológicos ou existenciais diferenciados e pertencendo ao mesmo corpo (para não se dizer, à mesma pessoa) em instantes diferentes.

Ainda uma breve referência a Andrew Harvey e à longa citação que dele se faz nas páginas 103 e 104. São tais os “dislates” na apresentação que elabora de Caetano e Campos, denunciando uma tradição que se está a formar, em língua inglesa, da recepção pessoana, com os seus mitos e as suas degenerescências, nem melhores nem piores, é verdade, que os portugueses ou em língua portuguesa, que é deveras urgente fazer-se novamente uma leitura de Pessoa capaz de o actualizar, mas em termos novos e tendo em conta o que foi feito no ocidente na segunda metade deste século. Não só do ponto de vista meramente estético, mas sobretudo no que diz respeito à teoria e crítica literárias. Caso contrário, Pessoa morrerá, ou será completamente desfigurado, nas mãos daqueles mesmos que dele se aproximam para se salvarem como “criadores” ou “poetas” contemporâneos, imitando-o aqui ou ali, sem uma consciência plena do que se espera da linguagem poética: perpétua renovação.

De tudo o que ficou dito, poder-se-á compreender a importância do livro de George Monteiro. Como se nada fosse, em capítulos-ensaios quase despidos de pretensiosismo, como se apenas se ousasse mostrar este ou aquele pequeno facto concernindo a recepção de Pessoa em língua inglesa, obtém-se um livro recheado de problemas resolvidos ou a resolver. E o diálogo que Pessoa está a estabelecer com outras culturas é estimulante para qualquer leitor, poeta ou simplesmente amante da poesia. *The Presence of Pessoa* é pois um livro que merece ser lido. Espera-se que esta crítica o tenha demonstrado.